

Mal-Entendidos Sobre a Cosmovisão Cristã na Sociedade Plural e no Engajamento Público

Tiago de Melo Novais

Email: tiago-melo@hotmail.com.br

Resumo

Esse artigo explorou como tema central a cosmovisão cristã, sobretudo dentro de dois cenários contemporâneos: o cenário da presente pluralidade de cosmovisões e o cenário do crescimento do engajamento dos cristãos nas esferas da sociedade. Diante do primeiro cenário, argumentamos que a intolerância religiosa de cristãos a outras cosmovisões pode ser um possível mal entendido acerca da reivindicação da abrangência e veracidade da cosmovisão cristã. Da mesma forma, no segundo cenário, argumentamos que a cosmovisão cristã pode ser confundida como uma tentativa de inauguração do Reino de Deus através dos esforços cristãos, e não da ação de Deus no mundo, configurando um segundo mal entendido. Em resposta, oferecemos uma via alternativa, a saber, a via do testemunho cristão. Nesta via, a práxis cristã subjacente da cosmovisão cristã diante dos dois cenários apresentados é testemunhar os efeitos do Reino por vir, discernindo a tensão escatológica e as diferentes características do já e o ainda não.

Palavras chave: Cosmovisão Cristã, Pluralidade, Engajamento Cristão, Esferas da Sociedade, Brasil.

Nos últimos cinquenta anos o conceito de cosmovisão cristã tem demonstrado sua importância no debate contemporâneo da teologia, sobretudo no que diz respeito à sua proposta de um cristianismo mais integral e engajado no mundo, servindo como um importante aliado conceitual para a Missão de Deus. De fato, grande parte do material que dispomos atualmente sobre o tema foi escrito e disseminado dentro deste período¹, principalmente pelos evangélicos, os quais demonstram interesse tanto no tema da cosmovisão cristã, quanto em temas subjacentes, como o da Missão de Deus e Reino de Deus². Esse período de efervescência evangélica nos legou livros, artigos, eventos e instituições que tem em sua base a cosmovisão cristã³, tornando o conceito amplamente conhecido e aceito entre os evangélicos. Alguns nomes que contribuíram para a discussão e disseminação de tal tema foram John Stott, Francis Schaeffer, Brian Walsh, Richard Middleton, Nancy Pearcey, David Naugle, James Sire, Albert Wolters, dentre outros. Assim, por ser sabido que a cosmovisão cristã é um tema fundamental nas discussões teológicas, faremos do seu conceito o assunto central deste artigo.

Portanto, o principal objetivo do presente artigo é tratar da possibilidade de um mal entendido acerca do conceito de cosmovisão cristã quando esta se encontra em uma sociedade plural com

¹ Apesar de grandes produções neste período, a primeira obra protestante a utilizar o termo alemão *Weltanschauung* (derivado de Kant) é de autoria de James Orr, intitulada "A visão cristã de Deus e do mundo" (1893).

² Como marco histórico do interesse evangélico podemos citar o Congresso Internacional de Evangelização Mundial em Lausanne em 1974, em que importantes nomes do evangelicalismo estavam presentes e auxiliaram ativamente na formulação do Pacto de Lausanne. Por sua vez, o Pacto de Lausanne se tornou um importante documento que destaca uma compreensão mais abrangente da Missão de Deus e do Reino de Deus.

³ Exemplos importantes de instituições são o L'Abri, de Francis Schaeffer, e a JOCUM, de Loren Cunningham, ambos ancorados no conceito de cosmovisão cristã.

o desafio de fazer-se presente de forma fiel aos seus artigos de fé. Para explorarmos essa problemática, iremos utilizar o seguinte caminho: Primeiro, iremos definir um conceito para o termo cosmovisão cristã, a fim de esclarecer os termos da discussão. Segundo, iremos elaborar dois possíveis mal entendidos do conceito a partir de dois cenários, respectivamente: a pluralidade de cosmovisões e o engajamento cristão nas esferas da sociedade. Terceiro, iremos oferecer uma via, diferente dos possíveis mal entendidos anteriores, acerca da cosmovisão cristã e suas implicações práticas na sociedade.

1. Sobre o que falamos quando nos referimos a "cosmovisão cristã"?

Tendo em vista que o conceito de cosmovisão cristã tem muitas abordagens e diferentes escopos conceituais, isto é, diferentes correntes que a definem de forma diversa, iremos utilizar a definição derivada de Albert Wolters, que afirma: a cosmovisão é "a estrutura compreensiva da crença de uma pessoa sobre as coisas" (2006, p. 12). Embora curta, esta formulação nos ajuda a entender as seguintes proposições: toda cosmovisão é (a) uma "estrutura" de "compreensão" da realidade (as "coisas"), que se fundamenta através de (b) uma certa crença (ou crenças). Isso significa que a cosmovisão, independente de qual, se funda sob a base de crenças, as quais altera a compreensão geral da vida e do mundo dos indivíduos que as possuem. Em outras palavras, podemos dizer que uma cosmovisão é o resultado de um conjunto de crenças básicas⁴, ou fundamentais (WOLTERS, 2006, p. 13) sobre o mundo, de maneira mais ou menos estruturada. Assim, as cosmovisões fornecem formas diferentes de interpretar tudo o que existe, inclusive a própria subjetividade de quem as possui.

Por sua vez, a cosmovisão *cristã* corresponde à visão de mundo que, fundada sob as crenças da revelação do Deus Triúno, cristãos compreendem a realidade à sua volta. Diferentemente de outras visões de mundo religiosas, entretanto, a cosmovisão cristã tem como base e ideal a conformidade com crenças derivadas das Escrituras e, por isso, também podemos a chamar de uma cosmovisão *bíblica* (WOLTERS, 2006, p. 18-9). No entanto, a fim de não deixar tal definição um tanto quanto abstrata, sugerimos, juntamente com Albert Wolters e Michael Goheen e Bartholomew, que tais crenças das Escrituras apresentam como seus temas centrais os temas da *criação*, da *queda* e da *redenção*; todos os três em níveis cósmicos em sua extensão – não restritos a dimensão espiritual ou eclesial. Disso resulta que os indivíduos que possuem a cosmovisão bíblica projetam na realidade uma visão integral destes três temas, compreendendo o mundo sob sua perspectiva e não pressupondo a existência de domínios seculares, isto é, sem Deus (WOLTERS, 2006, p. 22-3; GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016).

De outra forma, podemos dizer que a cosmovisão cristã é teocêntrica e, por isso, prioriza a Deus e sua Revelação como dados ontológicos que guiam a compreensão do mundo. Entretanto, não diferente de outras visões de mundo, que também reivindicam o posto de *status* ontológico para a base de suas crenças (SIRE, 2012, p. 189), a cosmovisão cristã afirma ser a "verdade pública, universalmente válida" (GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 26). É nesse sentido que cristãos que aderem ao conceito de cosmovisão cristã tendem a ver a sua fé em maiores proporções, assumindo-a como um "todo-abrangente" (NAUGLE, 2017, p. 430).

É preciso destacar ainda que a cosmovisão cristã não se trata de uma compreensão de natureza teórica e abstrata meramente, mas prática e convidativa ao engajamento público. Na verdade, a cosmovisão cristã implica, necessariamente, numa certa forma de vida prática condizente

⁴ Com *crenças fundamentais* queremos destacar a diferença entre *crenças comuns*, como a crença de que certo time de futebol irá ganhar o campeonato, e *crenças básicas*, que alteram radicalmente a forma de vida individual porque servem de base, como a crença em Jesus.

com suas crenças básicas, uma vez que, como disse James Sire: “vivemos a nossa cosmovisão ou ela não é nossa cosmovisão.” (2012, p. 195). Isto é, a cosmovisão cristã não é o que os indivíduos dizem acerca dela, mas o que se mostra em sua dimensão vivencial e prática na vida dos cristãos. O motivo disto é que a própria função da cosmovisão nos indivíduos é menos *descritiva* e mais *normativa*, funcionando como um guia prático da vida (GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 54). Ademais, a cosmovisão cristã também fornece um "impulso missional" aos cristãos, isto é, serve como uma alternativa viável e crível para as demandas sociais atuais, como foi o caso de Abraham Kuyper no seu engajamento na vida pública e política a partir da cosmovisão cristã (GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 58).

Assim, podemos dizer que as afirmações feitas até aqui certamente desvelam um caráter *público, objetivo, abrangente e necessariamente prático* da fé cristã; elementos estes presentes no conceito de cosmovisão cristã. Desse modo, destacamos o imprescindível lugar da cosmovisão cristã nos debates atuais e fazemos eco com a afirmação de David Naugle, o qual diz que entender o cristianismo como uma cosmovisão "tem sido um dos desenvolvimentos mais significativos na história recente da igreja" (2017, p. 29).

Portanto, em suma, de forma teórica, o conceito proporciona uma visão holística, em suas "dimensões cósmicas e aplicações universais da fé" (NAUGLE, 2017, p. 30). E de forma prática, o conceito também serve como um firme fundamento para que cristãos possam se engajar na cultura e na vida acadêmica para a glória de Deus (2017, p. 30).

2. Dois possíveis mal entendidos: o cenário da pluralidade e do engajamento cristão

Após alinharmos o conceito de cosmovisão cristã e suas implicações práticas, veremos agora dois de seus possíveis mal entendidos, partindo de dois cenários da sociedade atual: o da pluralidade de cosmovisões e do engajamento cristão nas esferas da sociedade. O primeiro cenário trata-se da questão da pluralidade de cosmovisões presentes na sociedade Ocidental atualmente. Nesse cenário, o desafio cristão é, ao mesmo tempo, manter-se fiel às suas crenças básicas enquanto lida com o conflito com outras cosmovisões sem a pretensão de retirá-las da vida social. O segundo cenário trata-se do engajamento de cristãos nas diversas esferas sociais, tendo como desafio uma presença e transformação fiel às Escrituras, sem se deixar levar por um projeto secular de poder. Assim, analisaremos individualmente como o conceito de cosmovisão cristã pode ser mal entendido em cada um desses cenários.

2.1. A cosmovisão cristã e a pluralidade de cosmovisões

É ponto pacífico que vivemos atualmente numa condição de pluralidade intensa em diversos aspectos da vida humana: estilos de vida, preferências estéticas, moralidade, religiões e descrenças variadas; todas presentes nos mesmos espaços sociais. Por trás de todas essas pluralidades se encontra a pluralidade de cosmovisões, cada uma com sua própria estrutura de plausibilidade⁵. Como vimos, as cosmovisões são responsáveis por transmitir diferentes noções sobre o mundo às pessoas, fazendo com que haja grande discordância e um verdadeiro conflito⁶ de interesses sociais inevitáveis. No entanto, nem mesmo neste cenário, tal pluralidade social muda o fato da cosmovisão cristã reivindicar ter a verdade das Escrituras, como verificamos

⁵ Refiro-me aqui ao termo cunhado por Peter Berger. No qual ele explica que, na dinâmica social pluralista na qual convivem diferentes visões de mundo, cada uma delas conquista certa estrutura que a mantém plausível, fazendo com que esta perdure e não desapareça por se tornar obsoleta, tanto no nível subjetivo (na consciência dos indivíduos), quanto no nível objetivo na sociedade (1985).

⁶ Para verificar a discussão detalhada sobre o conflito de cosmovisões, veja Ronald Nash em sua obra intitulada *Cosmovisões em conflito* (2012).

anteriormente. Assim, nos encontramos com o desafio de responder: qual equívoco pode ocorrer frente a esse cenário de pluralidade quando levamos em conta a cosmovisão cristã e toda a sua abrangência?

Primeiro, precisamos reconhecer que nesse cenário plural a cosmovisão cristã deve lidar, mais do que nunca, com a tolerância⁷ a outras cosmovisões, sobretudo religiosas. Caso contrário, pode-se gerar o primeiro mal entendido da cosmovisão cristã: a *intolerância* religiosa e o *proselitismo*. Ou seja, por meio da convicção de que a cosmovisão cristã representa a compreensão mais adequada do mundo, pode-se entender, equivocadamente, que a presença cristã no mundo deve ser intolerante para com outros que não partilham da mesma perspectiva. Este mal entendido pode tomar lugar quando, movidos pelo ímpeto evangelístico em apresentar as boas novas, cristãos entendam mal seu papel para com os não cristãos. Um caso conhecido no Brasil é da grande oposição e intolerância por parte dos evangélicos às religiões de matriz africana, chegando a mover ataques a terreiros de umbanda com o objetivo de retirá-los de seu local de culto em nome de Deus (ZARUR, 2019)⁸. No entanto, ainda neste caso, reconhecemos que não se trata de um erro da cosmovisão cristã em si mesma, mas no entendimento de indivíduos que se equivocaram ao mal compreenderem a abrangência e reivindicação da verdade da fé cristã.

Em segundo lugar e em contrapartida, podemos dizer que Deus incumbiu seus filhos para que, em amor, anunciem as boas novas a fim de que os que creem se tornem também seus filhos (cf. Jo 1. 12-14), mas não deu a eles a tarefa de tentar retirar outras visões de mundo concorrentes da sociedade por meio da intolerância e proselitismo. Aqui vale ressaltar que o desafio de toda religião não é diferente do desafio cristão numa sociedade pluralista. Por isso, nos termos do cientista político David Koyzis, necessitamos aplicar uma certa *justiça provisória* para que haja liberdade para as diferentes visões de mundo conviverem em tal sociedade:

Essa justiça provisória significa que, mesmo se discordarmos do outro em assuntos básicos e fundamentais sobre a natureza do mundo, sobre o nosso lugar nele e nossa responsabilidade diante de Deus e do próximo, somos ainda obrigados a proteger a sua liberdade de crer e, até certo ponto, de praticar a sua crença na vida cotidiana. Nossa vontade de proteger esse liberdade religiosa não é derivada da indiferença nem de um ceticismo quanto às nossas próprias crenças, mas do reconhecimento de que, na era presente, para usar a expressão cunhada por Newbigin, Deus quer fornecer um espaço e um tempo para que as pessoas livremente se rendam ao seu reino. (KOYZIS, 2014, p. 247-8)

Percebemos assim, que o cristão não nega sua fé publicamente por afirmar o direito de convivência com outras cosmovisões, pelo contrário, ao afirmá-la com todo o peso de suas convicções em praça pública, permite também que outras religiões façam o mesmo. Podemos também pôr o mesmo tema em outros termos, como o faz o teólogo Miroslav Volf, ao denunciar o que considerou uma *falha* na religião cristã, a saber, a *coerção da fé*. Ele afirma que "nesse caso, a fé não é ociosa, mas ativa – hiperativa na verdade –, impondo -se e oprimindo os que não a querem." (2018, p. 35) Essa opressão coercitiva ocorre, de acordo com o teólogo, como

⁷ Cientes de que a tradição da tolerância religiosa inicia-se na filosofia com John Locke, iremos somente trabalhar o tema com autores evangélicos, uma vez que trataremos o assunto panoramicamente sem maiores pretensões.

⁸ Estes casos, já emblemáticos no Brasil, marcam alguns absurdos ainda maiores, como o caso de traficantes de drogas que se declaram evangélicos e mandam destruir terreiros de outras religiões (BUSTAMANTE, 2017).

um tipo de violência⁹ quando cristãos compreendem mal o seu papel no mundo, confundindo-se com o papel de Deus no juízo final. Como consequência, "eles deslocariam equivocadamente a violência do fim dos tempos para o tempo presente no qual Deus explicitamente evita o uso da violência para possibilitar o arrependimento." (2018, p. 71) Isto é, por conta de uma possível má compreensão, no lugar da proclamação das boas novas como possibilidade de compreender melhor o mundo, Deus e a vida (através da cosmvisão cristã), pode surgir um *ethos* de violência, ainda que simbólica, que não respeita outras visões de mundo e seu devido lugar na sociedade.

Do mesmo modo, John Stott elabora uma crítica que deve ser posta em nossa discussão. Ao explorar também o tema do pluralismo social, Stott desenvolve o argumento de que há três respostas que cristãos podem adotar diante dessa realidade. A primeira se trata do caminho da imposição, no qual cristãos "com um zelo louvável por Deus" que acreditam profundamente na Sua verdade e vontade, acabam querendo "que a sociedade as reflita" (2019, p. 82). Por isso, cristãos querem impor, de diversas formas, incluindo política e legalmente, sua visão de mundo. Contudo, Stott considera essa resposta, apesar de honesta do ponto de vista da valorização da verdade, um "desejo tolo e nostálgico" por uma "cristandade que desapareceu há muito tempo" (2019, p. 84). A segunda é o exato oposto, isto é, se trata do *laissez-faire*, que considera todas as visões de mundo iguais e sem autoridade uma sobre a outra. Esta seria uma tentativa tolerante de fazer conviver todas as visões de mundo, mas desprovida de verdade, porque não leva em consideração que Deus revelou sua verdade em Cristo (2019, p. 85). Assim, Stott rejeita essas duas respostas. Nas suas palavras:

... a doutrina bíblica de Deus e a dos seres humanos guiam nossa conduta numa sociedade pluralista, sendo que a primeira exclui o *laissez-faire*; e a segunda, a imposição. Porque Deus é quem é, não podemos ser indiferentes quando sua verdade e sua lei são desrespeitadas, mas, porque os seres humanos são quem são, não podemos impô-las. (2019, p. 88)

E por último, temos o caminho da persuasão, o qual Stott considera a melhor via. De acordo com ele, melhor do que os dois extremos anteriores, é a argumentação que visa a persuasão¹⁰. "O que, então, os cristãos devem fazer?", pergunta ele, ao passo que responde: "Devemos tentar educar a consciência pública a conhecer e a desejar a vontade de Deus." (2019, p. 88)

Até aqui já somos capazes de perceber que o cenário da pluralidade de cosmvisões leva ao desafio de repensar o papel do cristão para com os não cristãos na sociedade. Argumentamos que uma forma equivocada de compreender essa relação seria o caminho da intolerância religiosa (mesmo quando esta é movida pelo zelo de defender a verdade), ou o caminho do proselitismo que não respeita os devidos espaços de outras visões de mundo (ainda quando movidos pelo ímpeto da pregação das boas novas). Portanto, em concordância com Koyzis, Volf e Stott, afirmamos que o melhor caminho derivado da cosmvisão cristã não se encontra nem na falta de liberdade religiosa de não cristãos, nem nas possíveis coerções da fé, as quais configurariam apenas um mal entendido acerca do seu conceito e sua verdade abrangente.

⁹ O termo violência para ele não tem, necessariamente, a ver com a violência física, mas qualquer tipo de manifestação violenta simbólica de um indivíduo ou grupo para com os outros.

¹⁰ Esta fórmula de engajamento público cristão por meio de discursos racionais e debate intelectual nos parece pouco efetiva, levando em consideração uma antropologia filosófica que destaca o papel dos amores e desejos, e não da racionalidade, no ser humano. Quem realiza essa discussão é James K. A. Smith no livro "Você é aquilo que ama" (2017). Ainda sim, esta via não de Stott não se mostra intolerante, servindo como boa opção metodológica e prática.

2.2. A cosmovisão cristã e o engajamento cristão nas esferas da sociedade

Além do pluralismo de cosmovisões, também podemos observar um cenário de crescimento do engajamento de cristãos nas diversas esferas da sociedade nas últimas décadas. Como exemplo, podemos citar o caso do envolvimento dos evangélicos na política partidária do Brasil, que cresce significativamente a cada legislatura, uma vez que a mentalidade do *afastamento do mundo* foi substituída pela mentalidade da *influência religiosa na política* (NASCIMENTO, 2018, p. 50-4). De fato, o engajamento cristão no mundo, seja na política, no mercado, nas mídias, dentre outros campos da sociedade, parece ser parte constituinte (e indispensável) da Missão de Deus e precisa do desenvolvimento de uma cosmovisão cristã que ofereça as devidas bases para esse engajamento (GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2018, p. 60). Assim, afirmamos que a cosmovisão cristã tem uma capacidade inigualável de transformação; primeiro nos indivíduos cristãos, depois na sociedade e cultura em geral, devido a sua coerência intelectual, sua abrangência e praticidade (NAUGLE, 2017, p. 431). Entretanto, neste cenário de engajamento de cristãos nas esferas da sociedade por meio da cosmovisão cristã, pode surgir um segundo mal entendido: um desejo de domínio indevido das esferas sociais. Isto é, se mal compreendida, a cosmovisão cristã pode ser confundida como um tipo de ferramenta de domínio secular, por assim dizer, que se associa a ideia de uma suposta implementação do Reino de Deus na terra¹¹.

Em primeiro lugar, devemos dizer que essa discussão, apesar de recente, vem sendo feita no Brasil devido ao aparecimento de algumas tendências teológicas que destacam em sua ênfase um tipo de domínio impróprio das esferas da sociedade. Isto é, essas teologias, chamadas em artigos de "*teologia do domínio*" e "*teologia dos sete montes*", são caracterizadas dessa maneira porque fazem do engajamento cristão uma forma de manterem seus poderes eclesiásticos e sociais (CUNHA, 2019; OLIVEIRA, 2020). Dentre os principais atores dessas ações estão os pentecostais e neopentecostais, que tem grande penetração política. O sociólogo Paul Freston chama esse fenômeno de "corporativismo" dos evangélicos pentecostais (FRESTON, 2020), enquanto o sociólogo Ricardo Mariano diz que tanto pentecostais quanto católicos se encontram igualmente na disputa pela ocupação da esfera pública (MARIANO, 2011). Entretanto, como o presente artigo não deseja fazer avaliações no campo do direito ou da filosofia política, mas deseja fazer apontamentos teológicos, precisamos ver como essas ações evangélicas podem desencadear este segundo mal entendido acerca da cosmovisão cristã.

Como prova de que tal má compreensão já ocorreu, um artigo do jornal Intercept Brasil, escrito por Túlio Gustavo, descreve que há no Brasil um suposto plano de "dominação evangélica". Para ele, esse plano de dominação tem como fundamento a "teologia dos sete montes", que por sua vez é ancorada na "cosmovisão cristã" (GUSTAVO, 2019). Ainda que em nossa visão esse artigo esteja equivocado em suas proposições, o que nos chama atenção é a identificação feita nele entre a cosmovisão cristã e tais teologias e ações que visam um domínio impróprio na sociedade¹². Por que isso ocorre? Assim como no primeiro cenário, podemos dizer que o problema não se encontra no conceito de cosmovisão cristã *per se*, mas sim em possíveis mal

¹¹ Neste ponto em específico podem surgir diversas discussões subjacentes, pois os conceitos de *Reino de Deus*, *esferas sociais*, *domínio político e religioso*, são discutidos não só pela teologia[#], mas pela filosofia política e as ciências sociais[#] também. Cientes disso, esse artigo irá apenas explorar o tema da cosmovisão cristã em sua relação com o Reino de Deus e um possível mal entendido da relação entre os dois.

¹² Em outros artigos do mesmo jornal, outros autores dizem que a tradição neocalvinista é responsável por também tentar dominar a política do Brasil, por conta das ideias abrangentes da cosmovisão em Kuyper. Entretanto, uma leitura atenta demonstrará que nem Kuyper, nem o restante da tradição neocalvinista tem como desejo o domínio social das esferas, mas uma convivência plural e aceitável nas esferas públicas, como demonstra explicitamente o pesquisador Thiago Moreira (2014, p. 24).

entendidos acerca dele. Neste caso, o artigo citado acima serve para nos mostrar que deve haver um engajamento cuidadoso de cristãos nas esferas sociais, uma vez que o mero engajamento, sem qualificações, pode gerar resultados indevidos¹³, invalidando até mesmo outras ações cristãs benéficas à sociedade.

Em segundo lugar, para explorar esse problema, iremos argumentar que este segundo mal entendido pode acontecer quando se confunde engajamento cristão com a implantação do Reino de Deus na terra – ou, dito de outro modo, com a tarefa humana na Missão de Deus. Quem captou esse mesmo problema é Craig Bartholomew. Ao defender a cosmovisão cristã em objeções ao conceito, Bartholomew critica o "ativismo messiânico" dizendo que "nós erroneamente apropriamos a visão de progresso, central para a modernidade, e pensamos que, se apenas trabalharmos duro o suficiente, vamos inaugurar o reino em nossa geração" (2017, p. 123-4)¹⁴. Em outras palavras, quando o engajamento cristão tenta inaugurar o Reino de Deus por meio de sua própria força de trabalho, o resultado é um engajamento impróprio, que nada tem a ver com a cosmovisão cristã, mas um ativismo supostamente messiânico.

Além disto, este mal entendido pode estar também relacionado à questão da tarefa missional – isto é, do que se trata a função humana na Missão de Deus. Nas formulações mais recentes acerca da *Missão de Deus*¹⁵, não somente o *evangelismo* e conversões espirituais, mas todo tipo de ação que Deus está fazendo no mundo em direção a restauração da sua criação pode ser considerada parte da Missão (GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2017, p. 240). Neste sentido, Deus age em todos os aspectos da vida e até mesmo em todas as esferas da sociedade.

No entanto, dessa compreensão mais abrangente de Missão deriva uma noção teocêntrica e não antropocêntrica da Missão e do Reino de Deus. Ou seja, a Missão de Deus não põe sob o ser humano a tarefa da inauguração do Reino na terra pelo seu trabalho duro nas esferas sociais, pelo contrário, "Jesus indica que o reino não vem por força nem pela coerção, mas sim pela fragilidade de uma mensagem sobre o reino." (GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 210) Isso, é claro, não exclui, nem desencoraja o engajamento cristão na sociedade, mas corrige este segundo mal entendido por meio da troca dos imperativos. Ao invés de *dominar* indevidamente (a fim de manter certo *status quo* ou certo poder político), cristãos reconhecem sua tarefa na Missão ao *servir* em amor. Nesse sentido, podemos concordar inteiramente com Jim Stier que diz: "como seguidores de Cristo, eles [cristãos] influenciarão todas as esferas, não com um espírito de controle, mas através do serviço em amor. Esta é a maneira de Deus." (2008, p. 531) Não à toa, é possível observar que Jesus ensina seus discípulos que, diferentemente dos governantes dos povos que dominam e exercem poder sobre as nações, entre eles a lógica seria inversa: quem quer ser importante, que seja seu escravo em serviço (cf. Mt. 20.24-28).

¹³ Estamos chamando de "resultados" ou "domínios" indevidos todas as ações cristãs na esfera pública que não trabalham em favor do bem comum e para a glória de Deus. Como diz Bartholomew, quando se trata do engajamento na cultura, cristãos precisam estar completamente equipados com a cosmovisão cristã tendo em vista o bem do mundo e a glória de Deus (2017, p. 130).

¹⁴ We mistakenly appropriate the vision of progress central to modernity and think that if we just work hard enough we will usher in the kingdom in our generation.

¹⁵ Leslie Newbiggin propõe que Missão não se trata somente das atividades vindas dos cristãos, como eram entendidas as Missões e evangelismo. Para ele, Missão é *Missio Dei* e, portanto, é o que Deus está fazendo no mundo em parceria com seu povo. Assim, o evangelismo é tão parte da Missão quanto o é a assistência social (2016). Dita de outra forma por outros autores, Deus está restaurando a sua criação caída, e sua Missão consiste nisso, e não só em levar pessoas ao céu, como era anteriormente entendido (BARTHOLOMEW; GOHEEN, 2017).

3. Discernindo os tempos como testemunhas

Posto isso, podemos perceber que nos cenários contemporâneos da pluralidade de cosmovisões e do engajamento cristão nas esferas da sociedade podem surgir mal entendidos acerca da cosmovisão cristã, dos quais citamos dois. Porém, ainda não oferecemos uma outra via possível para que cristãos possam lidar com o desafio dos dois cenários. Portanto, a fim de oferecer esta via, iremos antes contribuir com um último apontamento teológico acerca da tensão escatológica e suas implicações para a cosmovisão cristã, uma vez que ela nos auxiliará na via proposta.

Com "tensão escatológica" estamos nos referindo à tensão presente nas Escrituras entre o "já" e o "ainda não" do Reino de Deus¹⁶. Este termo é utilizado para demonstrar que, por um lado, o reino *já* está aqui, devido à morte e ressurreição de Cristo que inauguraram um novo início da história. Entretanto, por outro lado, este reino *ainda não* chegou para nós plenamente, pois aguarda a volta de Cristo para sua consumação plena. Disso resulta que atualmente vivemos num tempo *intermediário* entre a *era presente* e a *era vindoura*, isto é, entre o já e o ainda não (GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2017, p. 229).

Assim, diante dos dois cenários explorados até aqui neste artigo, cabe a nós o reconhecimento de que quando se trata do tempo presente (e não a era vindoura ainda), cristãos se encontram diante de uma tensão que não terá resolução, ao menos enquanto o retorno messiânico de Cristo e seu juízo final não ocorrerem. Em outras palavras, a tensão escatológica coloca um dilema para a cosmovisão cristã: ao mesmo tempo que cristãos convivem com outras cosmovisões que conflitam com seus interesses na sociedade, bem como se engajam em esferas sociais em que habitam indivíduos com diversas visões de mundo, eles também afirmam que a cosmovisão cristã é a forma mais adequada de ver o mundo, "afinal, a Bíblia afirma não ser nada menos que a própria história verdadeira de Deus acerca de nosso mundo [...]" (GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2017, p. 28). Como lidar com essa dimensão paradoxal da fé cristã?

Para responder essa questão final, iremos argumentar em favor de dois elementos que marcam as implicações da cosmovisão cristã nos dois cenários explorados: o discernimento do tempo presente e sua diferença do tempo vindouro; e o testemunho cristão como via plausível do engajamento cristão. Atentemos aos dois individualmente.

Primeiro, consideramos que discernir os tempos é parte fundamental para a compreensão das implicações da cosmovisão cristã atualmente. Isto é, reconhecer que o tempo presente é marcado pela tensão escatológica pode auxiliar na correção dos dois mal entendidos, de forma que cristãos passem a discernir os esforços necessários para viverem entre o já e o ainda não sem caírem na tentação de "resolver" a tensão escatológica *artificialmente*. O alerta de Jim Stier pode esclarecer a questão:

Se tentarmos impor uma "*solução final*" sobre a sociedade, corremos o risco de usar as instituições de poder de uma forma maligna para perseguir aqueles que se opuserem a nós. A história está repleta de casos assim. Devemos discipular as nações com o espírito e os métodos de Jesus. Ele poderia ter aniquilado

¹⁶ Originalmente os termos "já" e "ainda não" foram cunhados por Oscar Cullmann, o qual desenvolveu o conceito da tensão escatológica. No entanto, neste presente texto, estamos usando-os a partir dos teólogos Michael Goheen e Craig Bartholomew que os aplicam à ideia da narrativa bíblica (ou Drama das Escrituras) dividida em seis atos da história.

qualquer oposição, mas ao invés disso, ele morreu. ... Apesar de ninguém ter enxergado, seu Reino havia vencido. (STIER, 2008, p. 532)

Essa "solução final" mencionada por Stier equivale à realização artificial do *escatón* de Deus, isto é, a tentativa da consumação do Reino de Deus sem a volta de Jesus Cristo. Como exemplo, podemos citar as apropriações que tanto os liberais políticos quanto socialistas fizeram da doutrina da escatologia cristã ao longo da história política – como foi amplamente observado por Charles Taylor e Giorgio Agamben (DULCI, 2018, p. 184). Para Pedro Dulci, tais apropriações políticas tentaram transformar a espera cristã por Jesus em esperanças seculares de um reino sem o *escatón*. No entanto, no campo evangélico o "ativismo messiânico" criticado por Goheen e Bartholomew pode ter um resultado similar a essas apropriações políticas. Nas palavras dos teólogos, o "ativismo frenético pernicioso pode se desenvolver em cristãos comprometidos, espelhando os esforços idólatras dentro da cultura humanista que nos cerca." (2016, p. 51) Em outras palavras, sem o discernimento de que o tempo presente é distinto do tempo vindouro, podem ocorrer tentativas de produzir uma escatologia imanente, por assim dizer. Quem capta exatamente este ponto de nossa objeção é Pedro Dulci ao dizer:

No interior da visão de mundo cristã é simplesmente impossível equalizar as expectativas últimas da redenção divina com as antecipações políticas ao alcance de nosso braço. Todas as vezes que um indivíduo ou um grupo cristão acredita, por um momento sequer, que é possível implementarmos o reinado de Deus em qualquer esfera da vida, essas pessoas perdem a comunhão com a tradição do cristianismo ortodoxo (2018, p. 184)

Dessa forma, consideramos que discernir os tempos, reconhecendo a tensão escatológica sem cair na tentação de "resolvê-la" pode ser uma grande contribuição com a tarefa cristã nos dois cenários contemporâneos. No entanto, isto ainda não configura uma outra via que encoraje o engajamento cristão de forma coerente à cosmvisão cristã.

Portanto, em segundo lugar, queremos oferecer a via do *testemunho* cristão como uma via plausível. Esta via nos parece estar em maior consonância com a percepção cristã da realidade, revelada nas Escrituras, pois o imperativo *testemunhar* é o elemento que caracteriza o período da história em que a Igreja se encontra¹⁷, uma vez que ela é chamada para testemunhar do Reino por vir no tempo presente (GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2017, p. 243). Novamente com Goheen e Bartholomew, afirmamos o seguinte: "Se cremos que Jesus é o Senhor, precisamos *dar testemunho* acerca do senhorio de Cristo em todas as áreas da vida e cultura humanas." (2016, p. 191) Assim, o conceito de cosmvisão cristã passa a ser expresso de maneira coerente com seu conteúdo na prática do testemunho.

Vale destacar que utilizamos o termo testemunho não como sinônimo de testemunho verbal ou qualquer outra conotação mais específica (ou limitada) do mesmo. Pelo contrário, o termo significa compreender a vida e o mundo como espaços para testemunhar "acerca do poder restaurador de Deus." (GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2017, p. 243) Em resumo, podemos afirmar:

O testemunho significará encarnar o poder renovador de Deus na política e na cidadania, na economia e nos negócios, na área de educação e no estudo

¹⁷ O conselho de diálogo inter-religioso do Vaticano também descreve o testemunho como forma de lidar com a presença multi-religiosa do mundo atual. Na compreensão católica romana contemporânea, o testemunho cristão envolve princípios como agir no amor de Deus, rejeitar a violência e coerção, respeitar todas as pessoas e encorajar a liberdade de crença (VATICANO, 2011). Consideramos, para além de toda divergência teológica, que este documento traduz, de maneira bíblica, as preocupações aqui levantadas.

acadêmico, na família e na vizinhança, na mídia e na arte, no lazer e na diversão." (GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2017, p. 243)

Dessa maneira, a via do testemunho cristão parece condizer com a cosmovisão cristã, sobretudo quando cristãos se encontram diante do cenário da pluralidade de cosmovisões e do engajamento cristão nas esferas sociais.

Conclusões

Por fim, concluímos que o testemunho cristão marca um imperativo mais adequado de uma práxis derivada da cosmovisão cristã. Uma vez que outras visões de mundo estão (e estarão) presentes na sociedade enquanto não ocorrer a consumação dos séculos, o testemunho cristão permanecerá como uma expressão fiel da ação cristã no mundo contemporâneo. Assim, concordamos com Albert Wolters, quando o teólogo reafirma a centralidade do conceito de cosmovisão cristã:

Todos os cristãos zelosos, em quaisquer áreas em que são chamados a exercer as suas responsabilidades, devem levar a sério a questão da cosmovisão bíblica e orientar tanto o seu pensamento quanto a sua ação de modo correspondente. Ignorar a questão é negar a relevância prática das Escrituras para a maior parte da nossa vida comum. (2006, p. 127)

Referências

- Bartholomew, Craig G. (2017). *Contours of the Kuyperian Tradition: A Systematic Introduction*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press.
- Berger, Peter Ludwig. (1985). *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus.
- Bustamante, Luisa (2017). "Em nome de Jesus", bandidos destroem terreiro no Rio. *Revista Veja*, 8 de outubro de 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/em-nome-de-jesus-bandidos-destroem-terreiro-no-rio/>. Acesso em: 18 de março, 2021.
- Cunha, Magali (2019). *Evangélicos crescem no Brasil, mas a fé cristã diminui*. *Carta Capital*, 6 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/evangelicos-crescem-no-brasil-mas-a-fe-crista-diminui/>. Acesso em: 18 de março, 2021.
- Dulci, Pedro. (2018). *Fé cristã e ação política: a relevância pública da espiritualidade cristã*. Viçosa, MG: Ultimato.
- Freston, Paul (2020). *Estado laico e evangélicos na política brasileira: controvérsias atuais em perspectiva*. *Opinião*. *Revista Ultimato Online*, 19 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/estado-laico-e-evangelicos-na-politica-brasileira-controversias-atuais-em-perspectiva>. Acesso em: 18 de março, 2021.
- Goheen, Michael; Bartholomew, Craig. (2016). *Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea*. São Paulo: Vida Nova.

Goheen, Michael; Bartholomew, Craig. (2017). O Drama das Escrituras: encontrando nosso lugar na história bíblica. São Paulo: Vida Nova.

Gustavo, Túlio (2019). COMO EU DESCOBRI O PLANO DE DOMINAÇÃO EVANGÉLICO – E LARGUEI A IGREJA. The Intercept Brasil, 1 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/01/31/plano-dominacao-evangelico/>. Acesso em: 18 de março, 2021.

Koyzis, David T. (2014). Visões & ilusões políticas: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas. São Paulo: Vida Nova.

Mariano, R. (2011). Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. Civitas - Revista De Ciências Sociais, 11(2), 238-258. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2011.2.9647>

Moreira, Thiago (2020). Abraham Kuyper e as bases para uma teologia pública: A soberania divina e o desenvolvimento humano nas esferas da existência. Brasília, DF: Editora Monergismo.

Naugle, David K. (2017). Cosmvisão: a história de um conceito. Brasília, DF: Editora Monergismo.

Nascimento, Valmir (2018). Entre a fé e a política. Bangu, RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

Nash, Ronald (2012). Cosmvisões em Conflito: Escolhendo o Cristianismo em um Mundo de Ideias. Brasília, DF: Editora Monergismo.

Newbiggin, Leslie. (2016). O Evangelho em Uma Sociedade Pluralista. Viçosa, MG: Ultimato.

Oliveira, Caroline (2020). Domínio da fé e da política: o projeto de poder dos líderes evangélicos no Brasil. Brasil de Fato, 17 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/17/dominio-da-fe-e-da-politica-o-projeto-de-poder-dos-lideres-evangelicos-no-brasil>. Acesso em: 18 de março, 2021.

Sire, James. (2012). Dando nome ao elefante: cosmvisão como um conceito. Brasília, DF: Editora Monergismo.

Smith, James K. A. (2017). Você é aquilo que ama: o poder espiritual do hábito. São Paulo: Vida Nova.

Stier, Jim. (2008) Reflexões Sobre o Reino. In: Stier, Jim; Poor, Richlyn; Orvis, Lisa. VENHA O TEU REINO. Almirante Tamandaré, PR: Editora Jocum Brasil.

Stott, John. (2019). O cristão em uma sociedade não cristã: Como posicionar-se bíblicamente diante dos desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil.

Volf, Miroslav. (2018). Uma fé pública: como o cristão pode contribuir para o bem comum. São Paulo: Mundo Cristão.

Wolters, Albert. (2006). A criação restaurada: base bíblica para uma cosmvisão reformada. São Paulo: Cultura Cristã.

Vatican (2011). O Testemunho Cristão Em Um Mundo Multi-religioso: Recomendações De Conduta. Pontifício Conselho Para O Diálogo Inter-religioso Conselho Mundial Das Igrejas Aliança Evangélica Mundial. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_20111110_testimonianza-cristiana_po.html>. Acesso em: 18 de março, 2021.

Zarur, Camila (2019). Terreiro é atacado por grupo evangélico na Bahia. Jornal Extra, 28 de maio de 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/terreiro-atacado-por-grupo-evangelico-na-bahia-23700413.html>. Acesso em: 18 de março, 2021.